



Publicado em 24/10/2025 - 09:40

Câncer de mama: mulheres atendidas no SUS vivem menos tempo, diz estudo

Segundo estudo, a taxa de sobrevivida em 10 anos cai até 16 pontos percentuais na rede pública em comparação à rede privada em São Paulo

Gabriela Maraccini, da CNN Brasil

Um estudo recente feito com mais de 65 mil mulheres de São Paulo mostrou que as pacientes atendidas na rede pública do Estado são diagnosticadas com câncer de mama em estágio mais avançado e têm menor sobrevivida (tempo em que um paciente sobrevive após diagnóstico de câncer) em comparação às mulheres atendidas na rede privada.

De acordo com o levantamento, publicado on-line em 25 de setembro na revista *Clinical Breast Cancer*, enquanto 81,6% das pacientes em estágio I (inicial) na rede privada estavam vivas após 10 anos, esse índice cai para 77,5% no Sistema Único de Saúde (SUS); em estágio III (avançado), a diferença é ainda maior: 55,6%, na rede privada, contra 39,6%, na rede pública.

O trabalho, liderado pelo radio-oncologista Gustavo Nader Marta, presidente da Sociedade Brasileira de Radioterapia (SBRT), analisou dados de 65.543 mulheres diagnosticadas entre 2000 e 2020 no estado de São Paulo, comparando os desfechos entre aquelas tratadas na rede pública, pelo SUS, e as que tiveram atendimento na rede privada.

"O que nossos dados demonstram de forma inequívoca é que o local de tratamento ainda determina fortemente o prognóstico das pacientes. Isso reflete desigualdades estruturais e precisa ser enfrentado com urgência", afirma o pesquisador.

Impacto do diagnóstico tardio nas chances de sobrevivência

A análise mostrou que pacientes da rede privada chegam ao consultório com mais frequência em estágios iniciais da doença, quando as chances de o tratamento ser

bem-sucedido são maiores: 41,4% foram diagnosticadas em estágio I, contra apenas 21,2% no SUS.

No sistema público, por outro lado, os diagnósticos em estágio avançado são significativamente mais comuns: 29,5% das mulheres estavam em estágio III e 11,1% já tinham metástase (estágio IV), contra 16,9% e 5,3%, respectivamente, na rede privada.

Essas diferenças no momento do diagnóstico se refletem diretamente nas taxas de sobrevida. Em dez anos, a chance de estar viva após o diagnóstico em estágio II era de 74% na rede privada, mas apenas de 63,3% no SUS. Em estágio III, a discrepância é ainda mais marcante: 55,6% contra 39,6%. Já em casos metastáticos, houve 7,6% de sobrevida na rede privada e 6,4% no SUS.

O que pode estar por trás da disparidade?

Na visão de Gustavo Marta, a dificuldade de acesso a exames de rastreamento, que são capazes de detectar o câncer em fases iniciais, é um dos principais fatores para a disparidade entre rede pública e privada.

"Quando comparamos público e privado, existem facilidades maiores de acesso [na rede privada]. E outra questão importante é que não adianta ter a disponibilidade [de exames], se não há conscientização sobre a necessidade de fazer este rastreamento", completa.

Recentemente, o Ministério da Saúde divulgou novas recomendações para a mamografia como parte da prevenção e diagnóstico precoce do câncer de mama. Segundo a pasta, o exame passará a ser recomendado "sob demanda" para mulheres a partir de 40 anos.

As mudanças, que entraram em vigor ao final de setembro, visam garantir acesso precoce de mulheres ao exame mesmo sem sinais ou sintomas do tumor. De acordo com a pasta, 22,6% dos casos de câncer de mama atingem a faixa etária dos 40 aos 49 anos, refletindo a necessidade de exames realizados antes da faixa etária recomendada anteriormente (dos 50 aos 69 anos).

Outro fator apontado por Gustavo Marta é a estrutura que envolve a assistência a essas pacientes no sistema público. "Uma vez que você encontra no exame de imagem um nódulo suspeito, é preciso fazer uma biópsia para confirmação do diagnóstico. Quando comparamos as duas estruturas, na rede pública há, muitas vezes, uma dificuldade maior do que na rede privada para fazer esse processo.

Isso pode atrapalhar a jornada da paciente", observa o especialista.

Após a confirmação do diagnóstico, a paciente deve ser atendida por especialistas em centros capacitados para ser feita uma avaliação sobre o melhor tratamento a ser realizado.

"Muitas vezes, antes de essa decisão ser tomada, há a necessidade de fazer exames complementares. Se uma doença está localmente avançada, por exemplo, tem que ver se já não existe uma metástase à distância. Então, é preciso fazer uma tomografia do tórax e, se esse exame não estiver disponível, a paciente fica esperando mais duas ou três semanas, ou meses, e tudo vai se complicando", afirma Marta.

Diagnóstico precoce reduz em três vezes o custo do tratamento do câncer de mama

Os números da pesquisa reforçam a importância do diagnóstico precoce e do fortalecimento de políticas públicas de rastreamento e maior acesso a exames de imagem de forma equitativa.

Outro levantamento, realizado pela Funcional, empresa pioneira em tecnologias para programas de suporte a pacientes, mostrou que o diagnóstico precoce, além de melhorar as chances de sobrevivência, também reduz o custo do tratamento do câncer de mama.

O trabalho analisou contas médicas de operadoras de saúde entre 2019 e 2024, incluindo 15.994 pacientes em tratamento. Durante este período, o custo médio foi de R\$ 41.443 nos casos em estágio inicial e de R\$ 128.296 nos mais avançados da doença.

"Na prática, quanto mais cedo o câncer é identificado, maiores são as chances de cura e menor é o impacto sobre a qualidade de vida. Casos detectados precocemente costumam exigir tratamentos menos agressivos, com menor tempo de duração e recuperação mais rápida. Já quando o diagnóstico ocorre tardiamente, o tratamento tende a ser mais longo, envolver múltiplas terapias e gerar custos muito mais altos", explica Alexandre Vieira, diretor médico da Funcional.

Segundo ele, a detecção precoce do câncer de mama está diretamente relacionada à redução de complicações clínicas e à melhoria dos resultados. "Programas de rastreamento e acompanhamento contínuo não apenas salvam

vidas, mas também reduzem o impacto econômico sobre o sistema de saúde. Um exame simples, como a mamografia, pode evitar tratamentos que chegam a R\$128 mil. Além disso, permite que as pacientes mantenham qualidade de vida e continuidade no trabalho, evitando complicações que poderiam gerar afastamentos prolongados", afirma o executivo.

SUS avança, mas desigualdades persistem

Apesar das desigualdades, o estudo aponta alguns sinais positivos. Segundo o levantamento, houve melhoria gradual nas taxas de sobrevivência das pacientes do SUS ao longo das duas décadas analisadas, indicando que políticas de expansão do acesso, como a incorporação de novos equipamentos de radioterapia, começam a surtir efeito.

Ainda assim, a desigualdade permanece evidente. "Não podemos ignorar que, no Brasil, a chance de sobreviver ao câncer de mama ainda está atrelada ao CEP da paciente, ao nível educacional e ao setor em que ela é atendida. Essa é uma realidade que precisa ser enfrentada com ações estruturais", finaliza o especialista.

<https://www.cnnbrasil.com.br/saude/cancer-de-mama-mulheres-atendidas-no-sus-sobrevivem-por-menos-tempo/>

Veículo: Online -> Portal -> Portal CNN Brasil